

**ABERTURA
SOLENE
ANO
ACADÉMICO
2017
2018**

Discurso do Reitor
Prof. Doutor António Fidalgo

12 outubro 2017

Discurso do Reitor na Abertura do Ano Lectivo de 2017-2018

Universidade da Beira Interior

1- O ano lectivo de 2017/2018 começa na UBI sob o signo de duas realidades que, não sendo opostas, se contradizem. Nunca a UBI atraiu tantos estudantes nacionais e estrangeiros como este ano, e nunca o subfinanciamento da UBI foi tão agudo como agora. O normal seria que uma universidade que, ano após ano, vem ganhando reconhecimento nacional e internacional, visse também progressivamente o seu subfinanciamento colmatado à medida do seu crescimento, nomeadamente face à qualificação do seu corpo docente e ao aumento do número de alunos. Porém, acontece o contrário: o subfinanciamento crónico da UBI está a desembocar numa inadmissível asfixia financeira. Face a esta situação impunha-se agir com firmeza.

Não foi por má-vontade ou birra que a UBI não submeteu a proposta de orçamento de 2018 na plataforma da Direcção Geral do Orçamento. Foi por impossibilidade contabilística, que obriga ao equilíbrio de receita e despesa, e pelo estrito cumprimento da lei que obriga a não ocultar despesa, nem a empolar receita. Foi isso que foi dito à Comissão de Educação e Ciência da Assembleia da República na audição pedida pela UBI e que ocorreu a 19 de Setembro. A decisão de Conselho de Gestão de 17 de Agosto de não submeter a proposta de orçamento, foi secundada pelo Conselho Geral que em deliberação de 22 de Setembro “reconheceu não haver condições para submeter ao Governo uma proposta de orçamento verdadeiro para 2018”.

Aguardo com esperança que em sede de discussão e aprovação do Orçamento de Estado, a acontecer brevemente no Parlamento, na segunda metade deste mês de Outubro e ao longo de Novembro, se faça justiça à UBI. A razão dessa esperança é a justa causa da demanda e as palavras de compreensão e solidariedade que ouvi de todos os partidos políticos representados na Comissão de Educação e Ciência.

Entretanto, é com grande alegria que vejo a universidade cheia de vida neste início de ano lectivo. Das 1.245 vagas disponíveis no Concurso Nacional de Acesso vimos preenchidas na primeira fase 1.186, 95%, acabando por se inscreverem no conjunto da 1ª e 2ª fase 1.258 alunos. A esses alunos somamos os mais de 200 alunos já inscritos ao abrigo do Estatuto de Estudante Internacional. Nunca como agora houve tanta vida dentro da UBI. Temos as residências de estudantes completamente cheias e com listas de espera, temos cantinas e bares com filas à hora das refeições, temos a universidade aberta 24 horas, sábados e domingos. E nunca como hoje foi a vida da cidade marcada pelo ritmo académico.

2- Ao reler os 4 discursos da abertura solene do ano lectivo que tive a ventura de proferir ao longo do meu primeiro mandato de reitor, de 2013 a 2016, verifiquei dois temas constantes: a vida académica existente na UBI, e a sustentabilidade da instituição, mormente na sua capacidade de atrair novos estudantes. Iniciando um novo mandato de reitor, também não é agora que vou deixar de me centrar nesses

dois pontos basilares no presente e futuro da UBI. Um e outro estão interligados. O vigor e a intensidade da vida académica necessitam de uma bastante quantidade de professores e alunos, que hoje se designa por massa crítica, para se manterem, auto-sustentarem e reforçarem. Mas só conseguiremos suficientes novos elementos, mormente de boa qualidade, dinâmicos e não amorfos, se a universidade for viva e apelativa, se os seus membros se sentirem identificados com a instituição e empenhados na sua missão, se houver chama. Quanto mais ânimo dentro, tanto mais atracção fora.

A vida académica é uma vida de estudo em comunidade, na forma de universidade que a Idade Média nos legou, enquanto corporação de professores e alunos. Em 2013 tive oportunidade de expor com detalhe que a vivência universitária é convivência: de professores e alunos, primeiro, no que se designa hoje em dia por processo de ensino e aprendizagem, de funcionários com professores e alunos numa relação de apoio e suporte às actividades de ensino, avaliação e investigação, de professores com professores e alunos de pós-graduação em projectos de investigação, de alunos com alunos em actividades de estudo e de trabalhos em grupo.

Mas a alma desta convivência é a transmissão e busca conjunta do conhecimento numa relação personalizada. Não é mecanicamente que se ensina e aprende, mas com desejo e vontade. Se não houver o aguilhão da curiosidade, se o prazer da descoberta não for vivido, se não houver paixão em ensinar e aprender, haverá, no melhor dos casos, uma partilha de informação, mas não mais que isso. Fosse o ensino apenas uma partilha de informação, partilha alheia tanto à personalidade do professor como à do aluno, e há muito que as universidades teriam desaparecido por força das tecnologias que, desde a modernidade, tornam essa informação mais abundante e acessível, como a imprensa, a rádio, a televisão, ou agora a Internet. Ontem a telescola e hoje os MOOC criaram e criam a ilusão de que o elemento presencial e pessoal poderia ser dispensável no processo educativo. Mas foi e é uma ilusão. Os professores continuam hoje tão indispensáveis como ontem, como há milhares de anos, desde que a humanidade instituiu a relação de mestre e discípulo.

Foi no diálogo Banquete, o Simpósio, que Platão traçou o espírito da sua escola, a Academia, e de onde advém o nome e o sentido que vivificam a universidade desde a sua génese. No fundo está o amor, o *eros*, que une amante e amado, Sócrates e Alcibíades, mestre e discípulo. O prazer, o gozo de saber funda o vínculo que congrega e une todos os membros de uma comunidade de aquisição do conhecimento. George Steiner exprime esse *eros* pedagógico de forma sublime no livro *As Lições dos Mestres*: “*A libido sciendi*, a sede de conhecimento, a necessidade profunda de compreender estão inscritas no que de melhor têm os homens e as mulheres. Tal como a vocação de professor. Não há ofício mais privilegiado. Despertar noutro ser humano poderes e sonhos além dos seus; induzir nos outros um amor por aquilo que amamos; fazer do seu presente interior o seu futuro; eis uma tripla aventura como nenhuma outra.”

3- Caros colegas professores e meus caros alunos, de propósito evoco a indispensabilidade e a dignidade dos professores para abordar uma consequência

gravosa do subfinanciamento da universidade: a demasia de docentes convidados a 50% com contratos temporários em alguns departamentos. É verdade que por todo o mundo a mercantilização do ensino e a gestão empresarial das universidades recorre a docentes sem um vínculo definitivo, pagos à hora. Em muitas universidades americanas a percentagem de docentes “horistas”, como se lhes chama no Brasil, a percentagem de docentes sem *tenure*, fora da carreira, é superior a 2/3. Mas desse tipo não é a universidade que quero, e creio todos queremos, que a UBI seja: uma universidade com um corpo docente inteiramente dedicado à missão de ensinar num ambiente de investigação.

Obviamente que entre os docentes convidados há situações completamente distintas. Na Faculdade de Ciências da Saúde temos de longe o maior número de docentes convidados, muitos deles com contratos entre 10 e 30%, mas isso é o normal e saudável, pois são médicos da carreira hospitalar que leccionam sobretudo nos anos clínicos do curso de medicina. E algo de semelhante ocorre com docentes convidados de outras faculdades que exercem a sua principal atividade fora da universidade, gestores e outros profissionais liberais. O problema surge, e torna-se existencial, quando jovens, e menos jovens, docentes gostariam de, por vocação, dedicar-se inteiramente à universidade, e o que se lhes pode oferecer é contratos parciais e temporários. Isso ocorre sobretudo nos cursos de criação mais recente, como são os cursos de Design Multimédia, Design Industrial, Design de Moda, Cinema, Arquitectura, Ciência Política e Relações Internacionais.

Por outro lado, temos mormente nos Departamentos de Física, Química, Engenharia Têxtil e Engenharia Electromecânica, um corpo docente com uma média etária demasiado elevada, e onde não abrimos concurso para novos docentes de carreira há muito tempo, e isso é um problema grave na passagem de testemunho e de conhecimento entre gerações. A renovação do corpo docente é um problema comum a todas as universidades portuguesas e que agora também se coloca à UBI.

Como tive oportunidade de referir no meu discurso de tomada de posse a UBI tinha em 2016 o mesmo número de docentes ETI que tinha em 2005, precisamente 447. E isso apesar de ter aumentado o seu número de alunos de 5.300 para 7.000. Tal só foi possível devido a dois factores; em primeiro lugar devido à considerável diminuição de carga horária dos cursos, na sequência das respectivas reestruturações causadas pelo Processo de Bolonha, e, em segundo, por um recurso a docentes convidados a tempo parcial.

Claro que queremos contratar docentes, e mais do que querer, precisamos de os contratar, e de facto estamos a contratar, estando a decorrer concursos para 7 vagas de professor auxiliar. E iremos abrir mais até ao final do ano civil de 2017. Iremos tão longe quanto os condicionamentos do subfinanciamento crónico da universidade nos permitirem.

Em 2006 as transferências do Orçamento de Estado cobriram as despesas de pessoal da universidade em 104%, em 2008 desceram para 83%, em 2010 voltaram a cobrir a

100%, mas a partir daí tem sido sempre a diminuir, 91% em 2011, 84% em 2012, 81% em 2013 e 2014 e 78% em 2017. Em termos absolutos, a despesa com pessoal era em 2006 de 22 milhões e 600 mil euros, mas em 2017 é de 29 milhões e 800 mil. O que recebemos este ano do OE foram 23 milhões e 300 mil. Isto é, só para despesas de pessoal houve que recorrer a receitas próprias e a saldos no montante de 6,5 milhões de euros. Pois que temos de pagar actualmente 5,5 milhões de euros para a segurança social, as transferências do OE para pagar salários diminuíram efetivamente de então para cá, 3,7 milhões de euros. Estou a repetir aqui os números denunciados no meu discurso de tomada de posse, e nunca me cansarei de os repetir.

De facto, a previsão é de que encerraremos o ano de 2017 com um défice orçamental de 1 milhão e 250 mil euros. Esta é a realidade, o garrote financeiro que ameaça seriamente a UBI.

Não luto por mais financiamento para ter mais dinheiro em caixa na UBI ou mais saldos. Luto por um orçamento justo (que não nos discrimine face a outras IES) para podermos contratar mais professores, rejuvenescermos o nosso corpo docente, e prestar um melhor ensino e formação aos nossos estudantes.

A missão da universidade é a superior formação humana, cultural, científica e tecnológica que estrutura a vida de uma sociedade civilizada. É isso que fazemos, que queremos fazer, que é nossa obrigação fazer e nos impele a buscar os meios, incluindo os financeiros, para o conseguir.

Muito obrigado.